

7 Discussão

7.1 Visão de aprendizagem dos aprendizes

A análise do que foi informado nas entrevistas revelou, de certa forma, o perfil de aprendizagem de cada aprendiz, considerando que a filosofia de cada um permeia a sua prática. A minha própria crença era a de que quanto mais autodirecionado e consciente sobre seu poder em relação a sua aprendizagem o aprendiz fosse, maior valor ele veria no trabalho com mapas mentais. Em outras palavras, quanto mais próximo de se enquadrar, em termos de crença e atitude, no modelo ‘um tamanho veste a um’ (Tapscott, 2009; Robinson, 2009) ou no aprendiz descrito por Allwright & Hanks (2009) por meio das suas cinco proposições, mais potencial didático o aprendiz encontraria nos mapas. Tal pressuposto não se provou verdadeiro.

MSM e VD, com 47 e 38 anos, respectivamente, parecem trazer resquícios do modelo de ensino Um Tamanho Veste Todos afinal, frequentaram a escola antes da chamada era digital, que quer a escola estimule ou não, oferece mais oportunidades de ações de aprendizagem. Entretanto, é interessante perceber sinais de ruptura e filiação com essa tradição em suas falas.

MSM se mostrou, de modo geral, um aprendiz mais a moda ‘um tamanho veste a um’ do que VD. MSM mostrou que possui não só autoconhecimento, mas também uma postura crítica em relação ao trabalho didático em que está inserido. Isto pôde ser observado quando ele responde que a professora tem melhor percepção do que é melhor para ele, “mas é claro que com o feedback do que eu tento passar” (linha 23). Assim, apesar de demonstrar preferência por deixar as decisões didáticas a cargo da professora quando questionado, resquícios típicos do modelo Um Tamanho Veste Todos, não creio que ele assim procederia de fato.

VD por sua vez, é um aprendiz mais dependente de direcionamento por parte da professora, em alguns sentidos. Ele acredita não ter qualquer propriedade para opinar ou direcionar sua aprendizagem de LE e por isso, prefere delegar as responsabilidades à professora. Entretanto, ele busca alternativas para a prática da língua fora do contexto da aula e faz essas escolhas autonomamente. Adicionalmente, ele consegue perceber sua aprendizagem ao exercer essas escolhas que são inteiramente suas, como comprova o trecho abaixo que transcreve sua resposta a pergunta: “Como você sabe se está aprendendo?”

Quadro 7- Trecho da entrevista de VD

7	VD	Bem, eu sei se to aprendendo inglês ou não quando eu começo a entender as músicas quando eu escuto,
8		começo a identificar as, a letra da música quando escuto rádio,
9		quando eu começo a ver os filmes e identificar que a legenda
10		não bate direito com o que o cara falou,
11		pelo menos não era isso que ele falou
12	Luciana	Uhum
13	VD	e quando eu to, por exemplo, vendo um filme, nem vendo um filme,
14		mas quando eu tava assistindo um filme em inglês e saí pra alguma coisa,
15		fui na cozinha, por exemplo, voltei e eu consigo continuar a entender o filme
16		da mesma maneira porque eu tava escutando e sabendo o que o artista estava falando.

Ou seja, talvez ao dizer que a professora pode melhor dirigir sua aprendizagem, ele esteja verbalizando crenças de uma tradição que ficou de algum modo marcada em sua história de aprendizagem, mas que não necessariamente, ou totalmente, direcionam a sua prática, tendo em vista que ele consegue perceber por conta próprio seu progresso na língua e sem o auxílio da professora.

Em linhas gerais, pode-se concluir, com base somente nas concepções apresentadas pelos aprendizes em relação a aprendizagem, que MSM melhor usufruiria do contato com mapas mentais por ter uma postura um pouco mais segura e independente frente a mesma. Contudo, tal fato não se comprova porque VD também avaliou o trabalho com mapas como benéfico. Além disso, quando observa-se as estratégias de aprendizagem notadas por meio dos diferentes instrumentos e momentos da pesquisa, o panorama é outro. Eles mostram que VD,

apesar de aprendiz menos autônomo, consegue perceber mais estratégias de aprendizagem nos mapas mentais do que MSM.

Em relação às estratégias, parti do pressuposto que quanto mais estratégias fossem praticadas e percebidas por meio dos mapas, maiores as chances de um processo de aprendizagem bem sucedido. O critério para o processo ser mais bem sucedido ou não nesta pesquisa é simplesmente a opinião do aprendiz. Não considerei nenhum tipo de avaliação formal, como provas e testes e instrumentos do gênero. Os quadros do que as estratégias elucidaram são apresentados na seção a seguir.

7.2

Estratégias de aprendizagem

Por meio dos três instrumentos de geração de dados empregados nesta pesquisa, foi possível depreender, do que foi expresso pelos aprendizes, as estratégias de aprendizagem sendo praticadas por meio das ações deles. Cabe ressaltar que somente na primeira parte da entrevista houve uma pergunta explícita sobre as estratégias de aprendizagem praticadas. Esta pergunta foi, por sua vez, imediatamente respondida pelos dois aprendizes, sem a solicitação de maiores esclarecimentos. Nos questionários, *journals* e segunda parte da entrevista, as estratégias foram extraídas das funções conectadas ao trabalho com mapas mentais.

Assim, as estratégias reveladas diretamente na primeira parte da entrevista, em resposta a pergunta: “que estratégias você utiliza?”, são denominadas de ‘praticadas naturalmente’, já que elas são frutos de iniciativas espontâneas do aprendiz. As que puderam ser observadas via comentários feitos acerca dos mapas mentais são denominadas ‘delegadas aos mapas’. Por exemplo, ao responder que os mapas auxiliam a conectar na cabeça conteúdo novo com o já aprendido, pode-se pensar em uma EDA Direta de Memória ‘criar mensagens mentais’, sendo empregada ou informalmente identificada pelo aprendiz.

Em geral, a tendência foi de que, do questionário para os *journals* e destes para a segunda parte da entrevista, mais EDAs pudessem ser apontadas, nos dois casos. O caminho do questionário para os *journals* e depois para a entrevista representou uma progressão, como ilustra o Quadro 8 a seguir.

Quadro 8- Comparativo entre as opções metodológicas da pesquisa

Questionário	<i>Journals</i>	Entrevista- parte 2
Tratou mapas confeccionados pela professora com pequena colaboração do aprendiz no desenvolvimento dos mesmos;	Tratou de mapas confeccionados pelo aprendiz.	Tratou de mapas confeccionados pelo aprendiz.
Menos manipulação direta de mapas mentais e consequentemente, menos reflexão	Manipulação direta e reflexão livre e imediata a experiência;	Manipulação direta e maior reflexão direcionada pelas perguntas da entrevista.

Em termos de interação com os mapas mentais e reflexão sobre o assunto, partiu-se de menos interação e reflexão no questionário para mais interação e reflexão, nos *journals* e em respostas a perguntas mais detalhadas na entrevista final. Quanto mais envolvido tornou-se o aprendiz, mais EDAs conseguiu perceber.

7.2.1 Estratégias de MSM

O Quadro 9 foi traçado com base no que MSM divulgou.

Quadro 9- Estratégias de aprendizagem de MSM

Praticadas naturalmente	Delegadas aos mapas no questionário	Delegadas aos mapas nos <i>journals</i>	Delegadas aos mapas na entrevista
EDA Direta Cognitiva: Praticar	EDA Direta de Memória: revisar bem	EDA direta de memória: criar mensagens mentais	EDA Direta de Memória: criar mensagens mentais
EDA Indireta Metacognitiva: organizar e planejar a aprendizagem	EDA Direta Cognitiva: criar estruturas de produção e recepção	EDA Indireta Metacognitiva: centralizar a aprendizagem	EDA Direta de Memória: revisar bem
			EDA Direta de Memória: utilização de imagens
			EDA Indireta Metacognitiva: centralizar a aprendizagem

O Quadro 9 mostra que conforme minha previsão, quando há maior envolvimento do aluno com os mapas, há também um maior número de estratégias sendo informalmente percebidas. Digo informalmente porque os aprendizes, até onde posso afirmar, não conhecem o sistema classificatório de Oxford (1990) e portanto, não sabem que ‘resumir’ é uma EDA Direta Cognitiva do tipo ‘criar estruturas para produção e recepção’. O que eles sabem, supõe-se, é que resumir os ajuda a aprender, ou que o mapa mental os auxilia a resumir os conteúdos ensinados.

O Quadro 9 pode ainda ser condensada em três colunas já que, *journals* e entrevista (segunda parte) representam reflexões sobre os momentos de produção do aprendiz, enquanto as EDAs delegadas aos mapas no questionário representam reflexões sobre a produção da professora e a primeira coluna, ‘praticadas naturalmente’, seus comportamentos espontâneos. Assim, temos o Quadro 10:

Quadro 10- EDAs de MSM condensadas

Praticadas naturalmente	Delegadas aos mapas no questionário (menor interação com mapas- mapas confeccionados pela professora)	Delegadas aos mapas nos <i>journals</i> e na entrevista (maior interação com mapas- mapas confeccionados pelo aprendiz)
EDA Direta Cognitiva: Praticar	EDA Direta de Memória: revisar bem	EDA Direta de Memória: criar mensagens mentais
EDA Indireta Metacognitiva: organizar e planejar a aprendizagem	EDA Direta Cognitiva: criar estruturas de produção e recepção	EDA Direta de Memória: revisar bem
		EDA Direta de Memória: utilização de imagens
		EDA Indireta Metacognitiva: centralizar a aprendizagem

A primeira coluna, ‘praticadas naturalmente’, serve de base para a análise das subseqüentes já que sendo estas EDAs espontaneamente exercitadas pelo aprendiz, indicam o que ele valoriza positivamente como promotor da aprendizagem. No caso de MSM, ele inscreve valor a exposição e interação com materiais autênticos, EDA Direta Cognitiva ‘Praticar’ e, ao voluntariamente causar esta exposição e interação, ele valoriza o ‘organizar e planejar a aprendizagem’, EDA Indireta Metacognitiva.

MSM avaliou o mapa positivamente no questionário, em seus *journals* e na entrevista. Curiosamente, as EDAs percebidas nos mapas por meio de sua falas nesses três instrumentos revelou que elas complementam comportamentos que ele já classifica positivamente. Por exemplo, ‘revisar bem’ e ‘criar estruturas para produção e recepção’ complementam o ‘praticar’. ‘Centralizar a aprendizagem’ complementa ‘organizar e planejar a aprendizagem’. Fora estas estratégias citadas que figuram no grupo das EDAs Cognitivas e Metacognitivas, EDAs Diretas de Memória também foram identificadas na fala dele. Isto sugere fortemente que o trabalho com mapas na medida em que o permitiu trabalhar mais estratégias de aprendizagem do que aquelas que compunham seu repertório, lhe gerou mais oportunidades de aprendizagem e, neste sentido, pode-se dizer que, de fato, auxiliaram a aprendizagem de LE.

Analogamente, pensemos em alguém que busque a perda de peso e para tanto, esta pessoa está espontâneamente evitando comer doces e frituras. Após

uma palestra, ela começa a além de evitar doces e frituras, beber mais água e aumentar a ingestão de fibras. Por fim, após uma semana de atividades em um spa, esta pessoa identifica a prática de exercícios físicos como algo a ser incorporado a sua rotina. Em que momento, dos três citados, esta pessoa esteve mais perto de atingir seus objetivos? Penso que no ‘durante spa’ e no ‘pós spa’, caso haja incorporação de todas as práticas percebidas como benéficas. E assim também se deu com MSM e os mapas. Na medida em que os mapas elucidaram mais e novas estratégias de aprendizagem em sua rotina de aprendiz, eles colaboraram efetivamente em seu processo de aprendizagem.

7.2.2 Estratégias de VD

Em termos de estratégias houve uma coincidência de categorização dentro do que denominei estratégias ‘praticadas naturalmente’ para os dois aprendizes. VD, assim como MSM, é adepto da EDA Cognitiva ‘praticar’ e da EDA Metacognitiva ‘organizar e planejar a aprendizagem.’ Neste sentido, pode-se dizer que os dois aprendizes partiram da mesma base, ou repertório de práticas pró-aprendizagem.

O Quadro geral de VD considerando todos os seus dados estabeleceu-se de modo que um maior número de estratégias foi percebido no questionário e principalmente na entrevista, em relação às ‘praticadas naturalmente’ e aos *journals*. Conforme apontado no capítulo de análise, os *journals* escritos por esse aprendiz não foram muito esclarecedores, considerando que se detiveram majoritariamente a questões de design. Na entrevista, porém ele revela com mais propriedade o que o ato de confeccionar mapas representou para a sua aprendizagem.

O Quadro das EDAs de VD mostra um maior número delas sendo praticado ou mencionado em seus atos de confecção de mapas do que em seu ato de ser coadjuvante na produção e após simplesmente recebê-los (questionário). Sobre este aspecto, o caso de VD assemelha-se ao de MSM. Ao exercer maior agência

em seu processo de aprendizagem, o aprendiz se deparou com maiores oportunidades de aprendizagem, como se verifica no Quadro 11.

Quadro 11- Estratégias de Aprendizagem de VD

Praticadas naturalmente	Delegadas aos mapas no questionário	Delegadas aos mapas nos journals	Delegadas aos mapas na entrevista
EDA Direta Cognitiva: Praticar	EDA Direta Cognitiva: analisar e raciocionar	EDA Direta Cognitiva: criar estruturas para a produção e a recepção	EDA Direta Cognitiva: criar estruturas para a produção e a recepção
EDA Indireta Metacognitiva: organizar e planejar a aprendizagem	EDA Direta de Memória: revisar bem	EDA Indireta Metacognitiva: centralizar a aprendizagem	EDA Indireta Metacognitiva: automonitoramento
	EDA Indiretas Metacognitiva: centralizar a aprendizagem	EDA Direta de Compensação: Recorrer a LM	EDA Direta Cognitiva: Praticar
	EDA Indiretas Metacognitiva: organizar e planejar a aprendizagem		EDA Indireta Metacognitiva: centralizar a aprendizagem
	EDA Indireta Metacognitiva: automonitoramento		EDA Direta de Memória: utilização de imagens
			EDA Direta de Memória: criar mensagens mentais

Se, tal qual procedi com MSM, condensar as EDAs relatadas nos *journals* e na entrevista com a justificativa que ambos ilustram a experiência mais direta com mapas mentais, o esquema no Quadro 12 a seguir é verificado.

Quadro 12- Estratégias condensadas de VD

Praticadas naturalmente	Delegadas aos mapas no questionário (menor interação com mapas- mapas confeccionados pela professora)	Delegadas aos mapas nos <i>journals</i> e na entrevista (maior interação com mapas- mapas confeccionados pelo aprendiz)
EDA Direta Cognitiva: Praticar	EDA Direta Cognitiva: analisar e raciocinar	EDA Direta Cognitiva: criar estruturas para a produção e a recepção
EDA Indireta Metacognitiva: organizar e planejar a aprendizagem	EDA Direta de Memória: revisar bem	EDA Indireta Metacognitiva: automonitoramento
	EDA Indiretas Metacognitiva: centralizar a aprendizagem	EDA Direta Cognitiva: Praticar
	EDA Indiretas Metacognitiva: organizar e planejar a aprendizagem	EDA Indireta Metacognitiva: centralizar a aprendizagem
	EDA Indireta Metacognitiva: automonitoramento	EDA Direta de Memória: utilização de imagens
		EDA Direta de Memória: criar mensagens mentais
		EDA Direta de Compensação: Recorrer a LM

Várias estratégias foram incorporadas ao repertório de VD durante esta pesquisa. Tal qual MSM, ele que admitiu práticas fora de sala de aula que puderam ser conectadas com dois tipos de estratégias (coluna ‘praticadas naturalmente’), chegou ao fim da pesquisa com seis outros tipos de estratégias percebidas de acordo com seus relatos sobre a experiência com mapas.

7.3

Retomando as perguntas de pesquisa

Esta pesquisa foi organizada em torno de dois questionamentos principais. O primeiro deles referia-se ao possível auxílio dos mapas mentais no processo de aprendizagem em aulas individuais de inglês.

Nos dois casos aqui considerados pode se concluir que os mapas mentais auxiliaram o processo de aprendizagem dos respectivos aprendizes. Esta conclusão não se altera quando analisada pelo ponto de vista dos aprendizes e

suas concepções sobre aprendizagem, ou quando analisada pelo ponto de vista das EDAs passíveis de conexão ao trabalho com mapas.

Os aprendizes participantes deste estudo, mesmo tendo visões e posturas um pouco distintas em relação às suas aprendizagens e seus papéis desempenhados nela, conforme abordado na seção 7.1, relataram ter percebido auxílio por meio dos mapas mentais. Os aprendizes exerceram maior agência ao tomar decisões e direcionar suas aprendizagens, quer tenham delegado esta responsabilidade de direcionar a aprendizagem à professora parcialmente, caso de MSM, ou inteiramente, caso de VD. É possível que eles nem tenham se atentado para todo o controle que tiveram em suas mãos. O fato é que no final da experiência, os dois reconheceram os mapas mentais como uma ferramenta de assistência para suas aprendizagens.

Do ponto-de-vista das EDAs, a resposta também se configura positivamente considerando que:

- o mapa mental é por si só uma estratégia: EDA Direta de Memória ‘utilizar imagens’ por meio de mapeamento semântico;
- ele permite o contato, descoberta e/ou apropriação de outras estratégias (Quadros acima).

Quanto maior o número de estratégias o aprendiz possui em seu repertório, melhores chances o aprendiz tem para lidar com situações ambíguas, comuns em contextos de aprendizagem ou exposição a LE. Os mapas mentais equipam os aprendizes de mais estratégias e neste sentido, cooperam com seus processos de aprendizagem.

Este auxílio dos mapas na aprendizagem ocorre na medida em que maiores oportunidades de interação com os tópicos estudados são permitidas no ato de interagir com eles, seja com menor participação, ao lê-los, ou com maior participação, ao produzi-los. Do aprendiz que apenas consultava mapas para o aprendiz que confecciona mapas há também a configuração de um praticante da aprendizagem mais participativo, e esta característica é tida como importante para a aprendizagem (Tapscott, 2009; Robinson, 2009; Allwright & Hanks, 2009).

A segunda pergunta norteadora desta pesquisa busca apontar possíveis vantagens e desvantagens do uso deste recurso no contexto de aulas individuais de inglês. Podemos tratar tal questão de diferentes ângulos, isto é, podemos examinar o que os aprendizes verbalizaram ao serem indagados sobre pontos positivos e negativos dos mapas mentais e/ou atentar para o que as estratégias mostraram.

Do ponto de vista dos aprendizes, somente vantagens foram relacionadas ao uso deste recurso. Resumidamente, eles citaram: organizar, resumir e fixar conteúdos; utilizar imagens; ser um complemento visual; apresentar uma visão global (sensação de amplitude); ser uma estrutura radial; monitorar a aprendizagem; ser prático, condensado e conter informações não encontradas nos livros didáticos.

Ao avaliar positivamente o fato do mapa mental ser uma estrutura radial que utiliza imagens, ao mesmo tempo em que é uma, os aprendizes indicam na direção de mais uma vantagem: estimular letramentos *multissemióticos* (Rojo, 2009) em contextos de ensino e aprendizagem. Os mapas mentais são e permitem contato direto e prático com vários modos de linguagem.

Apesar de desvantagens não terem sido pontuadas pelos aprendizes, ao checarmos a situação do ponto de vista das estratégias, percebemos que os mapas se mostram ótimos para elicitar e praticar EDAs Diretas de Memória e Cognitivas e EDAs Indiretas Metacognitivas. Contudo, não vejo relação clara entre uso de mapas mentais e estímulo de EDAs Diretas de Compensação e Indiretas Sociais, por exemplo. O lado social, que em alguns momentos, fica desprivilegiado em aulas individuais não foi promovido pelo uso de mapas mentais. O estímulo de EDAs Indiretas Afetivas também não foi diretamente observado, apesar de MSM classificar os mapas como ‘legais’ e afirmar que estes ‘tiram a sensação de rotina’, relações mais estreitas entre mapas mentais e EDAs Indiretas Afetivas não foram notadas. Talvez essas teriam sido mencionados se eu os tivesse questionado de forma mais claras sobre estes tipos de EDAs.

Cabe observar que o sistema classificatório de Oxford (1990) não é estanque e que uma estratégia incluída dentro de um tipo ou categoria, pode em seguida ser identificado em outro. Deste modo, é possível que tenham havido outras EDAs

nas falas dos aprendizes que, por ventura, falhei em identificar. Considerando, porém, as que pude identificar, aponto como limitação do trabalho com mapas mentais com os aprendizes estudados, em aulas individuais, o fato deles não desencadearem contato com estratégias sociais, de compensação e afetivas.